

DEPOIS QUE TE ESQUECI

Thaís A. Araújo

CAPÍTULO

1

O ônibus me deixa perto da casa 499, ainda com seus muros altos e portão de madeira, exatamente como em minhas lembranças. A rua é uma das principais e está movimentada, mesmo ainda sendo a primeira segunda-feira do mês de abril. Minha única mala não está pesada, não trouxe muito de minha vida em São Paulo, apenas algumas mudas de roupas e pertences pessoais.

A ideia de começar do zero, de construir uma nova história, parece um sonho. Mesmo assim, eu sei que não preciso de muitas coisas em mãos para executar o que vim fazer.

Foi necessário atravessar uma rua, manter-me na calçada da esquerda e caminhar por menos de dois minutos até parar em frente à campainha da casa. Coloco a mala preta no chão, ao meu lado, e sinto minhas mãos tremerem. Ansiosa, meu corpo todo protesta.

A simples ideia do que aquela campainha representa me deixa apavorada. Não sei como reagir, se aquilo está certo ou não, ou se será ainda pior do que imagino.

Parada de frente para a porta eu respiro fundo e faço uma oração silenciosa, pedindo forças. Afasto os pensamentos nostálgicos que embaralham minha mente, torço para conseguir me lembrar de falar tudo o que treinei durante todos esses anos e, por fim, toco a campainha.

Como se o toque que soa pela casa fosse o motivo do meu despertar, vejo-me pegando a mala e virando as costas para atravessar a rua, não acreditando que serei capaz de realizar meu plano tão meticulosamente calculado durante toda a viagem de volta ao Rio de Janeiro. Porém, antes que o semáforo me deixe passar, o barulho da porta se abrindo atrás de mim indica que é tarde demais para desistir.

— Boa tarde?

Viro contra a vontade para localizar a dona da voz.

Ele tem alguém. E, embora suspeitasse disso, por algum motivo esperei o contrário.

Meu coração, que já está descompassado desde a campainha, agora parece pior. Uma mulher de rosto fino e bonito, olhos claros maquiados e cabelos loiros em um corte moderno me observa da porta. Ela veste calça jeans, regata branca e saltos altos; talvez pronta para sair, ou tenha acabado de chegar. Seus olhos grandes e curiosos ainda esperam uma resposta.

— Boa tarde — respondo, e a voz fica ainda mais rouca e baixa quando continuo: — Eu... gostaria de falar com o Marcus.

Com a curiosidade redobrada, agora notando minha mala, a mulher se inclina à frente da entrada de modo a esconder a casa atrás dela com o portão.

— Me desculpe, qual é o seu nome? — a loira desconfia.

Pergunto-me se Marcus comentou sobre seu passado com essa mulher. Não podendo fugir da verdade, quando minha vinda é justamente para colocar as coisas do passado no lugar, respondo:

— Soraya. Soraya Barbosa.

A mulher se lembra, sei só de ver como seus olhos tentam disfarçar a surpresa.

— Certo, eu aviso que você esteve aqui. — Mentira. — Ele deu uma saída e ainda não voltou...

Mentira?

Como se fosse combinado, mesmo da calçada escuto alguém se aproximando de dentro da casa.

— Quem é, Mel? — Ah, essa voz reconheço bem, apesar de não ouvi-la há anos.

Então é mesmo mentira dela.

A mulher, contrariada, deixa-o se aproximar, escancarando a porta e o mostrando por completo. Então Marcus Rodrigues está frente a frente comigo depois de praticamente três anos.

— Espero que você tenha uma explicação para a mulher que você me disse ter morrido estar em nossa porta agora. — A loira apelidada de Mel encara Marcus, que, pálido, ainda olha para mim.

Engulo a seco, brevemente tonta. O coração saindo pela boca.

— Melissa, você tem que entender que ela... — Ele é interrompido pela voz firme da mulher:

— Ah, eu preciso entender?!

Melissa esbarra em Marcus de propósito ao entrar na casa. Ele volta seu olhar ainda confuso para mim – nervoso, nostálgico e com poucas palavras – e me pede para entrar com um gesto rápido.

Sentindo as pernas bambas, sigo-o até a sala, deixando que ele procure a loira em outros cômodos.

Não esperava atrapalhar a vida dele com outra mulher e nem que ele tivesse contado a alguém que eu havia morrido. Também não esperava ter que aguardar na sala de visitas enquanto escuto os gritos do casal nos fundos.

— Quando você ia me contar? Que tipo de jogo isso é para você?!

— Nunca foi um jogo, Mel! Eu não sabia que ela iria voltar! — A voz dura de Marcus ressoa na sala, deixando-me com uma súbita vontade de sair de fininho. — Eu não sabia! Tente me entender!

— Te entender? Marcus, tente você me entender! — Eu não consigo parar de imaginar a reação dele à pergunta que vem a seguir: — Como quer que eu reaja quando a mãe da sua filha, que você me afirmou ter morrido há três anos, de repente aparece de mala pronta no seu portão?!

E nesse momento eu a vejo. Uma menininha sai de um dos quartos olhando assustada na direção do lugar onde Melissa e Marcus discutem. Levanto automaticamente, vidrada nela, em seu cabelo castanho comprido jogado nas costas e no vestidinho rosa com estampa de ursinhos. Ela observa enquanto me aproximo, o rostinho curioso.

Os gritos continuam.

— Ei, tudo bem? — Preciso controlar minha voz, meu nervosismo, meu medo. Sim, medo de me aproximar dela assim, como uma completa estranha. É o que sou para ela. — Esse é o seu quarto? — Chego à entrada da porta e dou uma espiada lá dentro, mantendo o sorriso no rosto ao me agachar em sua frente. — Que quarto lindo! Você pode me mostrar os seus brinquedos?

Ela ainda parece assustada com os gritos de Melissa no final do corredor, porém me vê entrar no quarto e me segue.

— Olha, você tem uma Barbie! — Pego a primeira boneca que vejo na cama dela. — Olá Barbie, o meu nome é Soraya.

A menina sorri para mim – ou de mim – e eu explodo de alegria por dentro.

— O nome dela é Vitória — ela me diz com a vozinha meiga, chegando ao meu lado e pegando a boneca de mim com aquela propriedade que as crianças sempre têm com seus brinquedos, como se só elas soubessem brincar com eles.

Sorrio.

— Ah sim, prazer Vitória! — Dou um “olá” para a boneca e me viro novamente para a dona dela, que mexe nos cabelos de Vitória como se estivesse em um salão de beleza. — E você, qual é o seu nome?

Eu já sei a resposta. Claro que eu sei o nome dela. Mas eu tive que perguntar, eu sou uma estranha, tenho que começar do jeito certo com ela. Enfim, apresentarmo-nos.

— Sam.

Ela fala tão fofa, tão linda, que as lágrimas me entregam. Eu as seco disfarçando e rapidamente tentando sorrir.

— Você está chorando? — Fui pega.

— Não. Eu... É que eu estou feliz em conhecer você.

— E você chora quando conhece as pessoas?

As crianças são tão engraçadas.

— Só quando é muito bom conhecê-las. E é muito bom te conhecer, Sam.

Ela sorri, mas logo se volta para a boneca, não dando muita importância nas coisas sem sentido que falo.

Sam se diverte com Vitória, pegando um monte de roupinhas e experimentando na boneca como compras no Shopping. Fala coisas como “essa está bonita, Vitória” ou “o que você achou dessa?”.

Fico no canto do quarto, olhando em silêncio. Até que Sam pede que eu brinque com ela, ela realmente pediu! Aceito sem pestanejar, criando

histórias mirabolantes para fazê-la rir. Perco o sentido de tempo enquanto construímos uma casa super luxuosa para Vitória morar.

O sono vai vencendo, Sam tem três anos e meio e possivelmente almoçou há pouco tempo e não dormiu à tarde. Ela vai se aconchegando na cama, se aconchegando, até que pega no sono e eu a cubro, deixando Vitória ao seu lado.

Eu me esqueço completamente de onde estou, até me ver agachada na cama de Samantha olhando enquanto ela dorme, pensando nas várias vezes em que gostaria de ver essa mesma cena durante esses últimos anos. Vê-la crescer...

Demorei a notar que Marcos está me observando, provavelmente há alguns minutos. Mantém a postura séria, braços cruzados e olhar confuso, com a cabeça encostada à porta. Não me mexo, continuo olhando para Samantha e digo baixinho, sabendo que ele me ouvirá:

— Ela está linda. — A voz sai embargada, estou tomada por uma emoção que antes só imaginava. — Ela brincou comigo, me apresentou as suas bonecas e disse que eu estava convidada para o chá. — Sorrio, não conseguindo conter outras lágrimas. Não tenho vergonha delas, muito menos receio do que possa estar passando na cabeça dele, eu não ligo. — É incrível. Eu... queria, Marcus...

— Você tem noção do que está fazendo? — Marcus impõe, mesmo com a voz baixa.

— Eu não vim complicar sua vida com Melissa, me desculpe. — Sou sincera.

— Ela saiu de casa — ele comenta, agora inexpressivo. — Mas vou conversar com ela de novo... — A voz dele morre aos poucos, então tudo fica em silêncio.

Não falamos nada por minutos, apenas olhamos a menina dormir.

— Sol. — Meu apelido. Só ele me chama assim e agora sinto todo o peso que esse nome carrega. — O que você está fazendo aqui? Por que voltou? Eu pensei que... Pensei que você...

— Tivesse morrido? — completo, ainda sem olhar para ele. Não consigo.

— É, pensei. Mas você está viva. — Agora Marcus entra no quarto e vem até mim, fazendo-me levantar. — Por Deus, você está viva! — Posso ver que ele está feliz em me ver bem, mas isso é demais para ele. Eu sei que é. Marcus ergue sua mão na direção do meu braço, bem perto de mim, mas para a centímetros de encostar seus dedos em minha mão. — Você não pode fazer isso assim... Eu... — Ele se senta em uma cadeira que há no canto do quarto, perto do armário de brinquedos, apoia os braços nos joelhos e cobre o rosto, amargurado. — Eu te amei, Sol. Meu Deus, como eu te amei. — Eu sou obrigada a olhar para ele agora, seus olhos pedem isso. — Mas as coisas mudaram, agora eu...

— Eu sei. Eu sei, Marcus — falo séria, querendo encerrar o assunto.

Não é preciso que ele me diga mais nada. Eu entendi.

Pego um papel que vejo junto aos lápis de cor de Sam num pote do armário e escrevo o que não consigo dizer com um lápis vermelho:

Eu não queria atrapalhar sua vida.

Obrigada por amar a Sam.

Me desculpe por me apaixonar por você.

Deixo o bilhete ali mesmo, no armário, com Marcus me vendo sem entender o que faço. Olho mais uma vez para Sam, que dorme abraçada à boneca, beijo-a gentilmente na testa, sentindo outra lágrima em minha bochecha quando enfim saio do quarto; da casa. E com minha mala na mão...

Acordo nesta segunda-feira agoniada, arfando, procurando o copo com água na cabeceira para me acalmar.

Foi de longe o sonho mais longo, intenso e sofrido que já tive. O que significa?

Eu nem sei se acredito nessas coisas, mas procuro na internet o que significa sonhar que: está voltando de viagem (alcançarei algum objetivo – ah, isso é muito vago!); tem uma filha que na verdade não tem (representa que quero ser mãe – um fato – e que tive/tenho uma decepção amorosa que afeta esse meu desejo – pode-se dizer que sim); e conversa com o ex (tenho

que dar mais atenção ao meu presente – mas isso todos temos!). Fecho a aba do Google no meu celular, jogando-o na cama em seguida, estressada com a curiosidade não respondida.

Por que, afinal de contas, tive esse sonho com Marcus?! Depois de tanto tempo sem sonhar com ele!

Seria um erro ir à casa dele assim que cheguei, sem avisar, do mundo dos mortos. É claro que eu não faria isso, ainda mais se tivéssemos uma filha, como era o caso.

Sam.

Abandonei os dois. Eu era a errada no sonho!

Tínhamos uma filha... Uma história.

Sol.

Ai, que coisa!

Foi tão real... Cada detalhe, o que eu sentia, até as descrições! Fazia um bom tempo que não tinha sonhos lúcidos e longos assim. Normalmente nem me lembro dos meus sonhos, apenas flashes deles, pedaços que nem sempre se encaixam.

Espanto a coberta para longe do meu corpo e me sento direito na cama, segurando a cabeça entre as mãos. Olho para o meu quarto bagunçado, cheio de caixas da mudança me esperando.

Eu realmente voltei de Sampa semana passada, faz seis dias, depois de três anos morando por lá. Não vinha ao Rio desde então, deixando minha família para trás – que nunca aceitou minha vontade de viver em São Paulo sozinha – e começando a trabalhar em uma editora pequena. Com a falência da empresa, estou de volta graças aos muitos dias no telefone com tia Lia, a única da família que manteve contato comigo e me aconselhou que voltasse a ter uma vida aqui.

Ela me conseguiu este apartamento no bairro Vinte e cinco de agosto, um lugar bem movimentado de Duque de Caxias, onde sempre morei – e onde ainda moram meus pais –, só que não no centro. Ainda me indicou a uma escola que, segundo ela, está contratando professores para trabalhar com o Ensino Fundamental.

Preciso ter um emprego, manter-me aqui não será fácil, mas de certa forma estou feliz em estar de volta. Senti falta do calor, do colorido e do agito da cidade.

Então, sim, estive longe de todos daqui durante esse tempo – fazia parte do plano de recomeçar – e agora estou voltando como um fantasma saindo do túmulo.

Plano de recomeçar, parte dois.